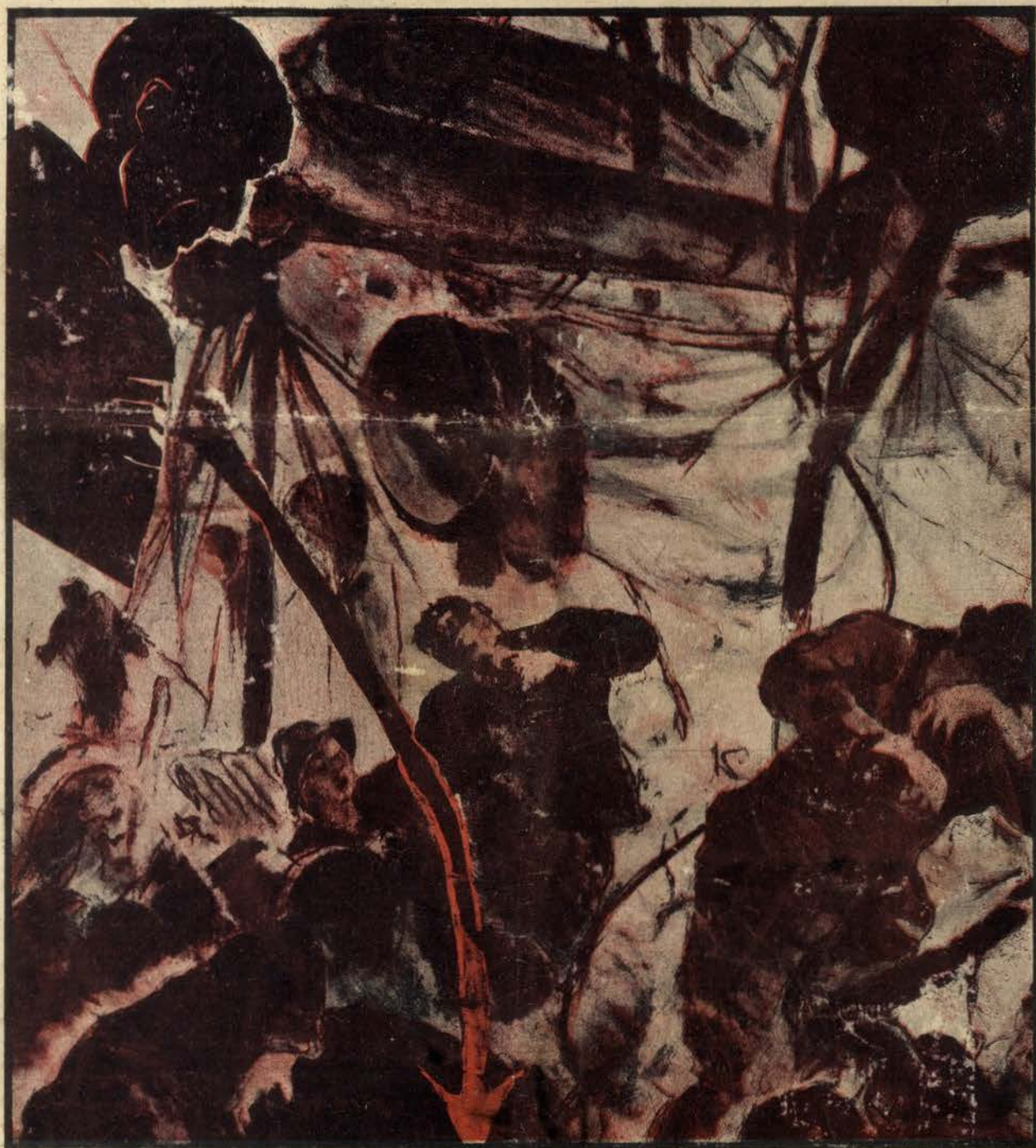


Ano II-N.º 96

4 de Junho
de 1932

reportagem

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



Lêr neste numero: O filho de Luis XVI veio refugiar-se em Portugal? - Superstições e os homens celebres - O que se passa nas sinagogas portuguesas - O misterio da morte do Conde Almozer, neto de Saldanha - Etc., etc., etc.

**Espectaculos recomendados
pelo «Reporter X»**

TEATROS

Nacional — 9 5/4 «Salomé»
Ginnasio — 9 1/2 «Alvorada do Amor»
Avenida — 8 3/4 e 10 3/4 — O Dia das Romarias
Maria Victoria — 20,45 e 22,40 — Cova da
Piedade
Capitolio — 21 — Variedades

CINEMAS

S. Luiz 9 1/2
Tivoli »
Central »
Odeon »
Terrasse »
Royal »
Palacio »
Olympia »
Paris Cinema »
Liz »
Europa »
Palatino »
A Promotora »
Imperial »
Salão Ideal 19

Todas as noites

Pensão Familiar

Uma pensão é, muitas vezes, preferível a um hotel quando, reunindo todas as qualidades de um hotel e duma pensão, evita os defeitos de uma cousa e outra. Eis o motivo porque o REPORTER X recomenda a todos os seus leitores que veem a Lisboa a

Pensão Familiar

na Rua Ivens, n.º 49, segundo e terceiro andar, (Telefonos 20785) de Frederico de Almeida Duarte. Comodidades modernas, asseio impecavel, socego, seriedade severa, conforto intimo, uma mesa sã, saborosa, variada — das melhores da capital, uma escrupulosa seleção nos hospedes, tratamento de primeira ordem — e preços fora de concorrência.

VISITE A

Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamentos
e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone 3219 N.

L I S B O A

“ELEGANTE PAVILLON”

Tomaz Nogueira Cunha & Filhos

28, Travessa da Picaria, 28 — PORTO

TODAS AS NOITES

Bailes

Diversões

Jogos

Aberto toda a noite

(ANTIGO PRIMAVERA)

TEATRO APOLO

Brevemente o original

DE

REINALDO FERREIRA

(Reporter X)

O Taxi 9297

TEATRO DO GIMNASIO

A Alvorada do Amor

Original de Valerio de Rajanto
musica de Frederico de Freitas
e Antonio Melo

Homens & Factos do Dia

A derrota de Zé Ximenez

ENC NTRÉI hontem o Zé Ximenez — uma das promessas mais brilhantes da minha geração. Quando, á nor 1914 e 15, nos reuniamos, escritores, jornalistas, pintores, compositores, caricaturistas, apenas saíam da casca do sonho mas hinetrofiaados pela certeza do triunfo em todos os seus prémios — a glória e a riqueza; e após meetings ingenuamente aguerridos contra a velha escola, contra os «botas-d'elástico», — Zé Ximenez impunha-se a todos nós, como um piloto da grande nau a construir, um rei Mago de Talento, um Messias da Victoria Colectiva.

— « Para vencer — prégava êle — é preciso que nos municiemos, que nos armenos, que nos exercitemos. E' ind pensável ser o mais forte, o melhor preparado, o mais corajoso. Palavras, boas intenções, ambições — não bastam, não é, sobretudo, honesto vencer assim... Se vencessemos assim — era um triunfo imerecido, artificial, estéril, sem longa vida.»

O Zé Ximenez queria ser um grande escritor e estudava, preparava-se, enriquecia-se de conhecimentos, exercitava-se, praticava, sacrificava infinitas vigílias e pirâmides de papel que depois queimava — por que eram apenas borrões, aprendizagem... E era tal a sua confiança no caminho que seguia que contava passar a fronteira logo aos primeiros aplausos nacionais. Ponco a pouco dispersámo-nos... A vida veiu arrebancar-nos, um a um, á legião dos sonhadores e a alistar-nos nas realidades da labuta e da desilusão. Assim perdi de vista Zé Ximenez. Havia mais de quinze anos que não lhe falava — e custou-me a reconhecê-lo. Que metamorfose! Que abatimento! Que ar de vencido — de indiferente! * — Que faço eu? Ora... o menos possível, o indispensável para cumprir o triste dever de existir... O que fiz eu dos meus planos, sonhos, ambições, exercícos, estudos, preparativos? Ri-me deles — como nos rimos dos bobos e dos imbecis! Pudera! Pensava eu que a victoria era o resultado matemático, positivo, do valor, do esforço e da honestidade dos que venciam; que bastava merecer para ganhar — sem hesitações, sem atritos, sem injustiças. Que pateta! Enquanto eu perdia as noites e os dias; e ablicava de todos os repousos e prazeres — para vencer honradamente — todos os outros, a quem êsse triunfo, e sa glória, essa riqueza perteciam ta n directamente, sem preparação, sem direito, sem mérito, ao castelo e bicaço entravam e recebiam em troca os prémios que eu julgava só dignos... de quem os merece! Quando despertei do meu erro e vi o castelo da glória aplhado de... id lá a gente; quando com'endi que ainda era tempo de eu entrar — bastando para isso abandonar, esquecer os meus cálculos — e fazer como eles e como eu próprio



podu ter feito dez anos antes; quando medi o valor dos prémios e vi que eram iguais para todos génios e nulidades, eruditos conscientes e audaciosos inconscientes — ri... ri — d'sistindo para sempre da victoria. Fiz-me datilógrafo, professor de caligrafia, tradutor de francês — o que calba, o que dá o suficiente para continuar a rir-me dos outros! e de mim!

... Zé Ximenez tem razão! Num país como êste — as victorias legítimas são, muitas vezes para os vencedores, mais humilhantes do que as derrotas... E neste país só é vencido quem quer! O triunfo e a glória está sempre ao alcance dos audaciosos, dos que não têm pudor... Basta estender a mão! O peor é que se a derrota equivale a um pataco — o triunfo e a glória não chegam a um tostão!

R. X

Um exito de livraria: «Lisboa do meu tempo e do passado» — de Paulo Freire

JOÃO PAULO FREIRE, é um dos «casos» mais dignos e brilhantes das letras e do jornalismo português. Os que mesmo mais novos, fixaram os seus olhos, durante um longo periodo da sua existencia profissional, são obrigados a pasmar ante o gigantismo do seu esforço e a nobresa da sua arte e do seu caracter. No jornalismo, onde queimou o melhor dos seus nervos, da sua energia bem lusitana — inverosmil de dureza, de inflexibilidade — tem teclado todos os generos, triunfado em todos, embora, como poucos, saiba floretear a pena na polemica elegante ou retalhar á chicotada de uma argumentação invencível os que têm a imprudencia de provocar os seus brios de trabalhador probo — tão pobre como honrado. Pobre? Sim... Custa a crêr que apoz tantos anos duma labuta diarista esfaltante, de tantos exitos literarios — Paulo Freire seja, como todos nós, os *mitchês* da imprensa — um desafortunado... Só não o é — quem sabe transg'ir — e ele é dessa maioria gloriosa do jornalismo português — que nem se vende, nem se ageita...



Se alguns premios veem, uma vez por outra, suavisar as feridas de tanto sacrificio e o cansaço de tanto esforço — o maior de todos é sem duvida o triunfo amplo, unanime, obtido — e com que legitimidade — pelo 1.º volume da sua recente obra monumental: «Lisboa do meu tempo e do passado», («Do Rocio á Rotunda»). — Sendo um excelso trabalho de investigador, de mineiro infatigavel de velharias preciosas e esquecidas, um Franz Leng das grandes reconstituições-esse seu volume de 500 paginas pode ser lido mesmo pelos indiferentes ao assunto — e com o del-ite de quem passeia o espirito por um trabalho imaginativo. O que era Lisboa antes do seculo XVII até 1755? Quem não sente curiosidade de o sa-

reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRAN-

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país.

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade Rua da Horta Sêca, 7 — Tel. 25787

End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Delegação no Porto:

R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4391

Composição e Impressão

Rua da Horta Sêca, 5 LISBOA

3 meses — série de 12 numeros — Esc. 11850

6 » — » » 25 » — Esc. 22850

12 » — » » 52 » — Esc. 44850

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

ber? E Lisboa surge ante o nosso olhar, evoluciona, retoca-se, retalha-se, perpassa numa serie de metamorfoses imprevisitas — e o leitor alonga a existencia atravez dos seculos, vivendo em todos eles com a serbosa sensação da realidade.

O exito do primeiro volume, preciosamente documentado e ilustrado, e editado com invulgar capricho pela Parceria Antonio Maria Pereira — é uma facil profecia do triunfo que aguarda os restantes. E' que esta obra, repetio, não é apenas um valioso livro de consulta, uma fonte inexgotavel de informações para os interessados; é, sobretudo, um livro util e emocionante mesmo para os que buscam apenas na leitura — emoção, vôo de espirito.

R. X.

Quereis dinheiro? Jogal no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Quem era e de que doença morreu a verdadeira Severa?

A Severa da Lenda, a Severa da Literatura, e a Severa da Realidade

(Continuação do número anterior)

De vez em quando a Severa desaparecia da Mouraria. Era o Conde de Vimioso que a levava, pondo-a a viver por sua conta. Uma das casas que habitou então, foi na rua da Bemposta, casa que foi demolida para se acrescentar o edifício da Escola do Exército. Durante estas ausências, a Severa guardava fidelidade ao Conde, mas depressa se aborrecia do amante, voltando à sua antiga vida de perdição.

De uma vez, pelo São João de 1845, o Conde levou a Severa a uma tourada que o marquês de Niza ofereceu na sua quinta da Foz, em Salvaterra, tourada na qual o Vimioso quebrou sete rojões.

O resto da noite, passaram-no a fadista e o amante metidos num fôso, tocando e cantando o fado. De outra vez chegou o Vimioso a meter a amante no palácio do Campo Grande, onde cantou o fado diante de selecta assistência.

Em 1855, para comemorar o aniversário do regresso de D. João VI a Portugal, realizou-se uma tourada num pátio da Porcalhota, tourada em que tomou parte o Vimioso e para a qual foi convidada a infanta Ana de Jesus Maria, mas a esta festa não assistiu a Severa pela simples razão de que, nessa altura, já não existia.

Finalmente, quando a Severa morreu, já o Conde a tinha deixado há tempo, trocando-a por uma autêntica cigana, a Joana, irmã do cavaleiro Diogo de Bettencourt, a qual por sua vez também cambiou (o conde, pelos vistos, era uzeiro e vezeiro nestes e noutros géneros de trocas) pela Maria José Trigueirinha, que morava na travessa das Salgadeiras e acreditava piamente em sortilégios e bruxedões.

Mas reatemos o fio interrompido por esta breve descrição.

O que mais me dificultou a busca dos documentos comprovativos da existência e morte da Severa, foi a imprecisão da data do seu falecimento. Segundo o sr. Pinto de Carvalho, a Severa devia ter morrido entre 1845 (data em que foi à tourada a Salvaterra) e 1850 data em que averiguou ela já não existir. Ao que parece o sr. Eduardo de Noronha foi mais preciso (embora sem fundamento como se verá) escrevendo que a Severa morreu em 1850.

Depois de ter procurado em vão nos livros dos óbitos do Hospital de S. José os documentos comprovativos da morte da Severa, puz de parte a versão do sr. Pinto de Carvalho e enveredei pela hipótese do sr. dr. Julio Dantas, consultando os registos paroquiais da freguesia do Socorro.

Mas novas dificuldades me esperavam.

Na Torre do Tombo de S. Vicente não existiam os livros referentes aos anos que me interessavam. Só ha ali documentos com mais de cem anos de existência. O último livro de óbitos da freguesia do Socorro tem o numero 7 e acaba muito depois da data procurada.

Na repartição do Registo civil da rua do Saco, onde devia estar a continuação deste arquivo, o livro mais antigo que existe tem o numero 10 e principia muito depois de 1850 ai por alturas de mil oitocentos e setenta e tal.

Faltavam, portanto, os livros 8 e 9 que deviam existir não se sabia onde, e que eram precisamente os que mais me interessavam.

Fui encontra-los, depois de muito trabalho, na Repartição do Registo Civil de S. Vicente, onde tinham ficado por esquecimento.

No que tem o numero 9, encontrei finalmente o nome que procurava, mas acrescido de um apelido que me surpreendeu, pois nunca vira fazer-se-lhe referencia. Maria Severa Honofriana, dizia o registo de óbitos, o qual era firmado pelo padre Félix do Coração de Jesus.

Os primeiros nomes, que estavam certos, como os restantes dados que figuravam no assento, não me deixaram dúvidas sobre a identidade da Severa.

Eis os termos textuais do citado documento, o qual dou em primeira mão, pois é inteiramente inédito:

«No dia trinta do mez de Novembro de mil oitocentos e quarenta e seis anos, na rua do Capelão n.º 35-A, faleceu apoplética sem Sacramentos, Maria Severa Honofriana, natural de Lisboa, idade vinte e seis anos, solteira, filha de Severo Manuel de Sousa e de Ana Gertrudes Severa. Foi a sepultar no Cemiterio do Alto de S. João, de que fiz este assento.

(a) O Prior Felix do Coração de Jes^{us}

Para maior certeza, consultei depois os arquivos do Cemiterio do Alto de S. João e lá encontrei efectivamente o registo referente ao enterro da Severa, o qual se verificou no dia 2 de Dezembro de 1846.

Sabido que o registo feito pelo pároco da freguesia era baseado na certidão de óbito passada pelo médico, fica-se sabendo, portanto, que a Severa morreu de uma apoplexia, doença que se localisa na cabeça e não no coração.

Seriam os tais borrachos da tradição ou os vapores do alcool que motivaram ou que contribuíram para a apoplexia da Severa?

Não sei. O que se sabe é que foi numa fria noite de inverno, numa lóbrega viela onde o sol não chega e numa misera casa onde o ar não entra, que se cerraram para sempre, em plena mocidade, os olhos daquela pobre mulher, digna de melhor sorte, tendo por único horizonte a parede fronteira coada atravez dos ferros da exigua janela, os quais se lhe deviam ter afigurado, à hora da morte, como as grades sinistras de uma prisão.

Herculano Pereira

Prefiram sempre as
Canetas EAGLE

O Mundo ao Contrario



(Admirável «charge» do caricaturista catalão Opisso, publicado na «Lecturas» de Barcelona)

Misterios trágicos da nossa epopeia em Angola

O massacre do neto de Marechal Saldanha, o heroico conde de Almoester

Desvenda-se o segredo deste trágico trucidamento, ocorrido ha 31 anos, no extremo Sul de Angola.—O odio e a traição.—Um drama na selva.—A nobreza do conde de Almoester

ANGOLA é um livro de mistérios, de páginas escritas a tinta simpática que só nos revelam os seus segredos quando apreciadas pelo calor da nossa investigação tenaz e carinhosa.

Hoje, muitos anos decorridos sobre as campanhas dolorosas pela pacificação do território angolano, a história das chacinas e dos massacres de algumas colunas que penetraram na selva ao encontro das hordas bárbaras, não é tão completa como seria para desejar.

Em redor de muitos factos da história de Angola pairam estranhos espectros, formidáveis pontos de interrogação. Figura em plano primordial na classe dos problemas misteriosos, o trágico trucidamento do Conde de Almoester e dos seus dragões, na fronteira noroeste do Humbe.

Quando menos se esperava, a pequena força foi trucidada com canibalescos requintes. Notou-se durante o renhido combate que as munições haviam, em parte, desaparecido e as causas do insólito desastre, ficaram sepultadas no desconhecido, sabendo-se apenas que fora originado por uma visita de dois dragões, durante um «alto», a uma «libata» gentílica.

Todavia, existe no fundo destes factos um enigma que, resolvido, nos dá uma demonstração impressionante de quanto é capaz o odio.

A imprensa da época — os jornais «Universo», «Correio da noite», «Tempo», «Jornal do Comércio» e «Diário da Manhã» inseriam apenas condolências, somente «O Economista» fazia algumas perguntas sobre os motivos da triste ocorrência — perguntas que nunca obtiram resposta oficial.

Através da minha vida de Africa poucas vezes tive ensejo para visitar o Humbe.

Não obstante, em 1930, durante uma caçada nas margens do Cunene, o «Kimbanda», Muana-Loka, encarquilhado e trémulo sob o peso dos seus cento e quarenta e cinco anos, contou-me a história do massacre, voz arrastada e gutural, soava soturnamente, enquanto, ele, distraidamente — com o olhar perdido ao longe, na linha sinuosa das serranias dos Gambos — tangia as gembundos palhetas do «uisanje»:

O Conde de Almoester e os seus dragões — A pequena Solunga — Um tiro na selva.

Foi em 1898

Corria o mês de Janeiro.

João Carlos de Saldanha e Daun, segundo conde de Almoester, era já capitão nos dragões do planalto de Mossamedes, e acampava no Humbe com o seu esquadrão.

Fôra ali enviado em serviço, a fim de auxiliar as diligências sanitárias com que se tentava obstar a propagação da «peste bovina» que ameaçava assolar e reduzir à miséria as populações criadoras de gado, estabelecidas nas bacias dos rios Cunene e Caculovar.

Tudo decorrera da melhor forma. O gentio

estimava o valoroso official. Este tratava todos os indígenas com carinho, apasiguando desavenças entre os sobas, sem abdicar da sua linha esbelta e gentil de fidalgo e militar.

Uma noite, com o largo capote abotoado, saiu da tenda e caminhou lentamente através

mente S. M. R., cujo pai, nessa ocasião, ocupava um alto cargo na colónia. Não houve palavras. O tenente lançava ao Conde de Almoester um olhar rancoroso.

— «Recolha à sua tenda — disse por fim — e não saia sem minha ordem! Entretanto pode preparar-se para partir amanhã, para Mossamedes, sob prisão».

O subalterno, sem uma palavra rodou nos calcanhares e afastou-se.

Nervoso e apoucado com o successo daquella noite, o conde de Almoester sentou-se à porta da sua tenda de campanha, com a cabeça entre os punhos. Súbito, ouviu-se um tiro sentira perto da ponte o sibilar característico duma bala! Queriam mata-lo! Quem? Nunca o soube!

No dia seguinte, ao toque da alvorada, notou-se com espanto que o S. M. R. havia desaparecido.

A marcha — Um branco que tinha pressa — A chacina

Outros assuntos desviaram a atenção do Conde de Almoester. Entretanto era mandado retirar do Humbe o esquadrão dos dragões. A retirada fez-se por poletões que partiram separados uns dos outros por intervalos de dois a quatro dias.

Quarenta e oito horas depois do 2.º e 3.º poletões haverem marchado sob o comando do Capitão Silva, apressaram-se para igualmente seguir os dragões do Conde de Almoester. Porém uma ordem dimanada de não se sabe de que autoridade da colónia, retardou mais dois dias a marcha dessa força. E o João Carlos, com o último poletão só pode retirar, quatro dias depois do grosso da columna. Com que fim foi dada essa ordem, se tudo aconselhava que o esquadrão marchasse em bloco? Eram 30 praças, 19 das quais iam doentes. Homens válidos, capazes de pegar em armas, seguiam unicamente, 11. Apesar disso, o Conde de Almoester marchava despreocupadamente. E a notícia fornecida por um régulo, de que dois dias antes do poletão passara um homem branco que caminhava rapidamente, apenas lhe causou uma certa estranheza. De resto ele mesmo verificou, antes de partir do acampamento, que os seus homens iam municiados com «50 cartuchos cada um» e que no colce do poletão seguiam «mais 10 cunhetes, ou sejam 10.000 projecteis», havia mais que suficiente para se defenderem de qualquer ataque.

(Continua no próximo numero)



O conde de Almoester, neto de Saldanha, heroe das guerras angolanas

do «bivaque», resolvido a passar uma ronda ao acampamento.

Era já bastante tarde. Havia mais de três horas que soara o toque do silêncio. O neto de Saldanha passou a ronda, e, verificou que nada perturbava a quietude da noite africana.

De súbito soou um grito agudo, desesperado. João Carlos sem pensar em mais nada a não ser que havia alguém necessitando de auxilio, correu para a «chana», indo deparar com um espectáculo que o fez bramir de cólera. Caído por terra de olhos esgareados de pavor, estava uma criança indígena, uma rapariguita, que se defendia, contra alguém que atacava brutalmente, entre blasfêmias. Dum salto José Carlos arremessou-se sobre a fera humana. Houve luta. E, por fim, num golpe mais esforçado, o conde de Almoester conseguiu dominar o seu adversário e arrasta-lo para dentro do acampamento.

E, com assombro viu que o assaltante da pobre negrita, era um dos seus officiaes, o te-

A pirataria moderna

O naufragio do "Georges Phillippar," poz as policias franceza e ingleza na pista duma quadrilha internacional

Do capitão Blood, do seculo XVII a Mr. Thomáz, do seculo XX. — A maquina infernal. — Coincencias alarmantes. — A travolgem clandestina da Avenida da Opera. — A carga de dinamite. — O que dizem :— :—: as Companhias de Seguros — As perolas destinadas a Constantinopla. :—: :—:

A catastrophe do «Georges Phillippar» veiu-nos convencer de que a pirataria não acabou, como toda a gente julgava, nos principios do seculo XIX. Com effeito, a pirataria sacrificou durante muitos anos a navegação comercial das nações mediterraneas em especial, fazendo abordagens ás naus que, carregadas de mercadorias em geral e de especiarias do oriente, demandavam os portos de França, Espanha e Italia. Entre os corsarios que mais perseguiram a navegação, destacavam-se os argelinos, que, raptando as preciosas cargas procedentes do Oriente, ainda aprisionavam as respectivas tripulações que, mais tarde rendiam bons preços nos varios mercados de escravos, então, dessiminados por toda a costa Norte da Africa. As nações que maior numero de corsarios forneceram, fôram a França, Inglaterra e a Holanda, chegando a segunda destas nações a honrar alguns dos seus mais celebres membros, como Blood e Morgan, com as patentes de almirantes da sua Real Marinha. A França, cujo governo protegia, embora clandestinamente, a pirataria internacional, consentia que a sua ilha da Martinica fôsse o porto *quartel general* da mesma, isto, com o fim de lhe facilitar a guerra cruel que esta fazia á navegação espanhola, então em pleno periodo da prosperidade em consequencia das suas recentes conquistas na America, obrigando o governo desta nacio-

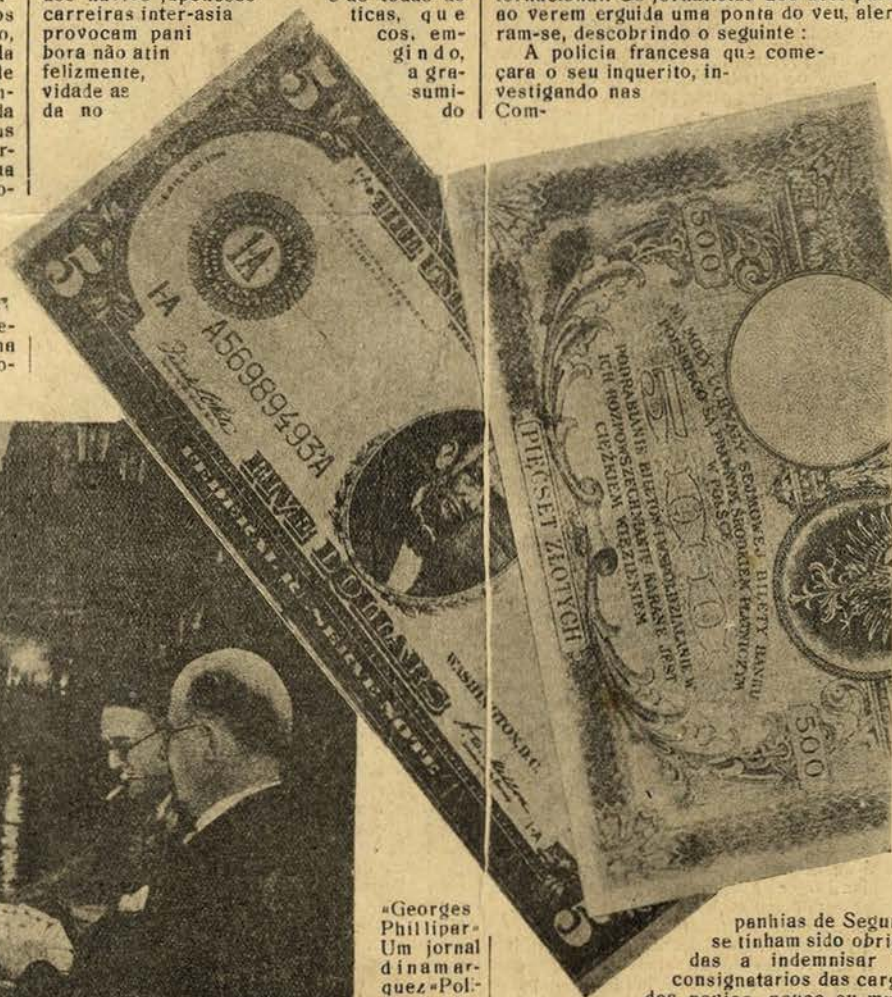
nalidade, e, por sua vez organizar tambem a sua pirataria.

O recente incendio-naufragio do «Georges Phillippar» veiu insinuar-nos que a pirataria não se extinguiu ainda. Como muitos dos nossos leitores não ignora, foi encontrada noutro navio, da mesma carreira, uma *maquina-infernal* de grande potencia... destinada a produzir igual catastrophe. Fazemos notar que a sensação cau-ada pelo incendio naufragio do «Georges Phillippar» no mundo inteiro, foi enorme e por varios motivos; Mas, a verdade é que, há um ano a esta parte, são muito frequentes os incendios a bordo dos navios japooneses e de todas as carreiras inter-asia-ticas, que e provocam, embora não atin felizmente, a grande no-

Port-Said está bem informado, afirma que durante o ano passado houve mais de um cento de naufragios esboçados naquelas paragens, chegando á conclusão, aliás logica, que este caso ia além duma simples coincidência fãidica. Investigando, apuraram que a maioria dos barcos citados levavam cargas preciosas e de facil deslocação. Estes factos, fizeram com que as autoridades francezas, abrissem um inquerito sendo então feito um apelo ao concurso da policia inglesa que prontamente lh'o prestou, visto que a pista que seguiam os levava á descoberta da organização duma quadrilha internacional. Os jornalistas dos dois paises, ao verem erguida uma ponta do veu, alertaram-se, descobrindo o seguinte:

A policia franceza que comecara o seu inquerito, investigando nas

Com-



«Georges Phillippar» — Um jornal dinamarquez «Politiken» cujo correspondente em

panhias de Seguros se tinham sido obrigadas a indemnizar os consignatarios das cargas dos navios pouco ou muito

(Continua na pag. 14)



A entrada para o Mouchão

TOMAR a vetusta cidade dos templários, centro de turismo mais legitimamente visitado por todos os amadores de arqueologia é incontestavelmente pelas suas incomparáveis belezas naturais a mais apetecida do País, sobretudo nesta época calmosa.

Entre todas as maravilhas e encantamen-

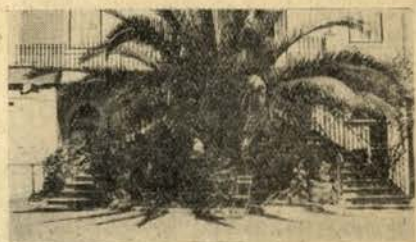
MOUCHÃO PARQUE

O lindo e aprazível
recinto de diversões
de Tomar das
formosas margens
do RIO NABÃO



Um aspecto dum dos passeios

uma das notas de maior atractivo entre todos os seus encantos naturais. Mario Mendes, que arrendou a exploração do citado Parque vai oferecer-lhe todas as distrações modernas e indispensáveis. A inauguração deve realizar-se no dia 12 com um programa que será



Entrada para o hotel

tos dignos de visitar-se, destaca-se pelo capricho com que a natureza o enriqueceu o lindo ilhéu denominado Mouchão Parque que os Tomarenses o seu requinte de bom gosto, adaptaram ao prazer das suas noites onde se reúnem num convívio civilizado, divertindo-se nos mais variados jogos e distrações.

Esta época foi o nosso querido amigo Mario Mendes, que toda Lisboa jornalística, teatral e literária contrece e estima, pelo seu espirito, distincção e iniciativa; e a que cuja colaboração a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro muito deve, foi convidado a dirigir, organizar, modernisar o Mouchão Parque. A Mario Mendes, que tem o condão de se impor pela simpatia, em todos os meios onde se encontra, fica devendo Tomar, pela certa,

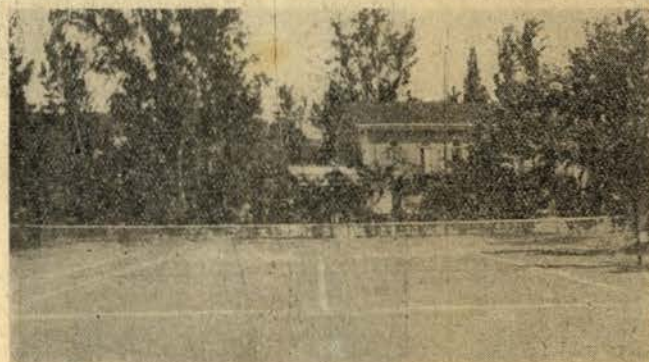


O rio Nabão e as suas formosas margens

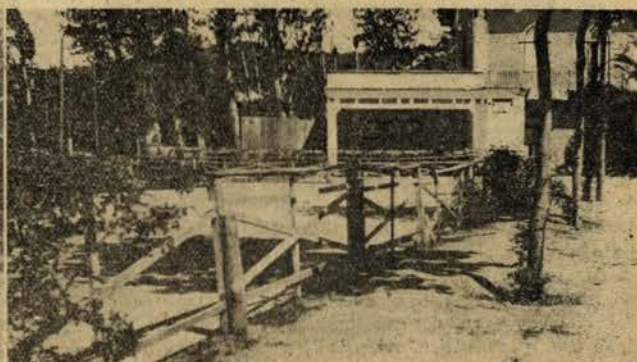


O açude

coadjuvado — deve alcançar o maximo brilho e cujo produto liquido reverterá a favor da Misericórdia, da Associação das Senhoras de Caridade e do Atilo Creche de N. S. da Piedade — cujas direcções devem fazer parte da comissão.



O moderníssimo «court de tennis»



O amplo campo de patinagem.

O MISTÉRIO DO DELFIM

O filho de Luís XVI, da França, veio

refugiar-se em Portugal?

Se assim é — quais são os seus actuais descendentes?



O Delfim, segundo uma estampa da época

...tica dos seus carcereiros. Dos Perrier não existe hoje descendência — conhecida (pelo menos); os Xavier de Treville não se afastaram nunca, através de todas as circunstâncias e fatalidades, da causa realista, servindo os netos, e os bisnetos com a mesma dedicação com que serviram os desditosos soberanos.

Ora quem me comprou os postaes em Paris, a pedido de Henry Charles Perrier — foi Jean Xavier de Treville...

Um dia de festa em minha casa, convidei o meu condiscipulo, em nome de meus paes, a jantar comigo; no domingo seguinte era-me retribuido o *banquete* — em casa de

(Continua na pag. 15)

zes oferece o mais imprevisto e emocionante dos interesses: é que essa pista desemboca e estaca em Portugal.

Antes de repetirmos o que o artigo nos revela — que nos seja permitido uma rapida evocação da meninice que o dr. Novais Pinho acendeu e que pode, depois, facilitar o esclarecimento do assunto...

De 1908 a 1910 frequentava o Colégio Francês, da Rua Alvaro Coutinho, em Lisboa, um rapazito magro, duma magreza flexível e diáfana, a que a brancura da pele, o azul berriante das iris e o louro discreto dos cabelos revelavam uma raça muito diferente da nossa. Atribuimos nós essa diferença apenas á sua nacionalidade — quando a sua mais notavel característica e estranheza eram a de uma distinção sem prosapia, de nobreza insintiva, de apuramento — ou degenerescencia, através muitas gerações. Era tímido por excesso de nervos — mas sabia conter-se, disfarçar, cheio de amor proprio, ao menor gesto inconsciente, revelador dessas fraquezas. Caprichava em se mostrar mais camarada do que lhe apetecia sinceramente; mas fazia-o por delicadeza... Muitas vezes o surpreendiam, alheado de tudo e de todos, os olhos claros dilatados e fixos no vacuo, a espinha numa firmeza alva, a cabeça erguida inclinada para traz, como um general-gnomo assistindo ao desfile das suas tropas...

Chamava-se Henry Louis Charles Perrier, tinha o n.º 72 e não lhe podia faltar o sobrenome com que todos eram alcunhados no Colégio: o «Doce d'ovos» — apêdo que lhe vinha, julgo, da cor dos cabelos e tom da pele...

Não devo ser eu só a evocal'o: Antonio Ferro, Augusto Cunha, Dr. Mario Teixeira

Bastos, Lopo Lauer e tantos outros condiscipulos meus desse collegio e dessa epoca o recordarão, como eu. Mas para mim, razões especiais tenho para dispor dum dossier completo de remenescencias suas: O meu bibe enxadrezado de azul marcava a vermelho o n.º 71 — e êle era o 72. Esta coincidência juntava-nos constantemente, nas formaturas, nas aulas, no refeitório — creando mutua confiança. Outra razão me aproximava de Henry Louis: êle tinha uma irmã da minha idade — cuja gentileza parisiense incendiou a minha primeira paixão. Charlotte-Marie — era êste o seu nome — frequentava a sucursal da escola, destina-



A jancia do Francfort do Rocio, onde, no dia do enterro de Sidonio apareceu Henry Perrier. Em baixo: Charlotte Marie, irmã de Henry tal como o *Chicago Tribune* a retratou após o escandalo de «Espri»

da a meninas — e eu, sempre que podia acompanhava o irmão — quando a ia buscar... Creio mesmo que trocamos, eu e ela, escarlates de vergonha, algumas epistolas amorosas — em papel encabeçado com florinhas cromo-litograficas...

Entre as confidencias que fizemos, contam-me que eram francezes — mas que não conheciam a França. Já os pais tão pouco a conheciam. A familia viera para Portugal, havia mais d'um seculo — antes mesmo das invasões napoléonicas. — «O meu trisavô veio, muito pequeno ainda, na companhia de dois creados — marido e mulher — que eram da confiança do pai — para Guimarães, comprando, pouco depois, uma quinta nos arredores da cidade onde se instalaram, aguardando a chegada dos patrões — ou seja da familia do meu trisavô — contava-me o meu camarada colegial. — Mas, não sei porquê (os labios contraíam-se-lhe num sorriso triste e enigmático, sempre que confessava esta sua ignorancia) a familia não veio nunca e o meu trisavô cresceu e não quiz voltar á França.

Em Guimarães se casou e viveu, assim como os seus descendentes até que minha avô — casando-se com um primo (o que tornou a suceder com minha mãe) resolveram abandonar a quinta e vir para Lisboa.

Outras vezes, falando-se do seu alheamento com a patria (nenhum membro da sua familia se naturalizara portuguez — continuando a registarem-se no consulado, como francezes) disse-me: «Temos uma familia em Paris, muito nossa amiga com o qual o meu pai está em continna correspondencia, como o meu avô estava com o avô do actual chefe

e o meu visavô com o visavô dele. Já no tempo do meu trisavô se davam e se cartavam. Tão amigos que, pelo menos, uma vez cada ano, ou vem o chefe ou vem algum filho visitar-nos. E estas visitas duram desde que o meu trisavô se casou e visto que foi um membro dessa familia que apadrinhou o casamento.»

Eu, que já nessa epoca sonhava com o jornalismo (e a director dum semanario manuscrito intitulado o «Diabo» extorci: anhei que um rapaz da rua — da minha idade estivesse tão em dia com os seus antepassados — conhecendo as minucias da cronica familiar através de um longo seculo. Um dia tive o capricho de conseguir uma coleção de postaes de Paris, para o meu album de... paisagens mundiaes. Foi ele quem me ofereceu para me satisfazer o capricho — escrevenlo á tal familia amiga de Paris. Foi então que eu soube o nome do chefe. Confesso que, naquela epoca não me aqueceu nem arrefeceu... só muitos anos depois ao ler na *Accion Française* a noticia do casamento em Italia da filha do conde de Paris — é que, medi, pelo justo valor, a importancia desse nome. A parte da noticia que se lhe referia, dizia assim: «Não faltou o velho Xavier de Treville, neto do fiel tesoureiro particular do desditoso Luiz XVI que arriscou a vida para salvar do patibulo o seu senhor e amo e que, com o serralheiro Perrier varias tentativas fizeram para libertar o Delfim, mártir, á crueldade selva-

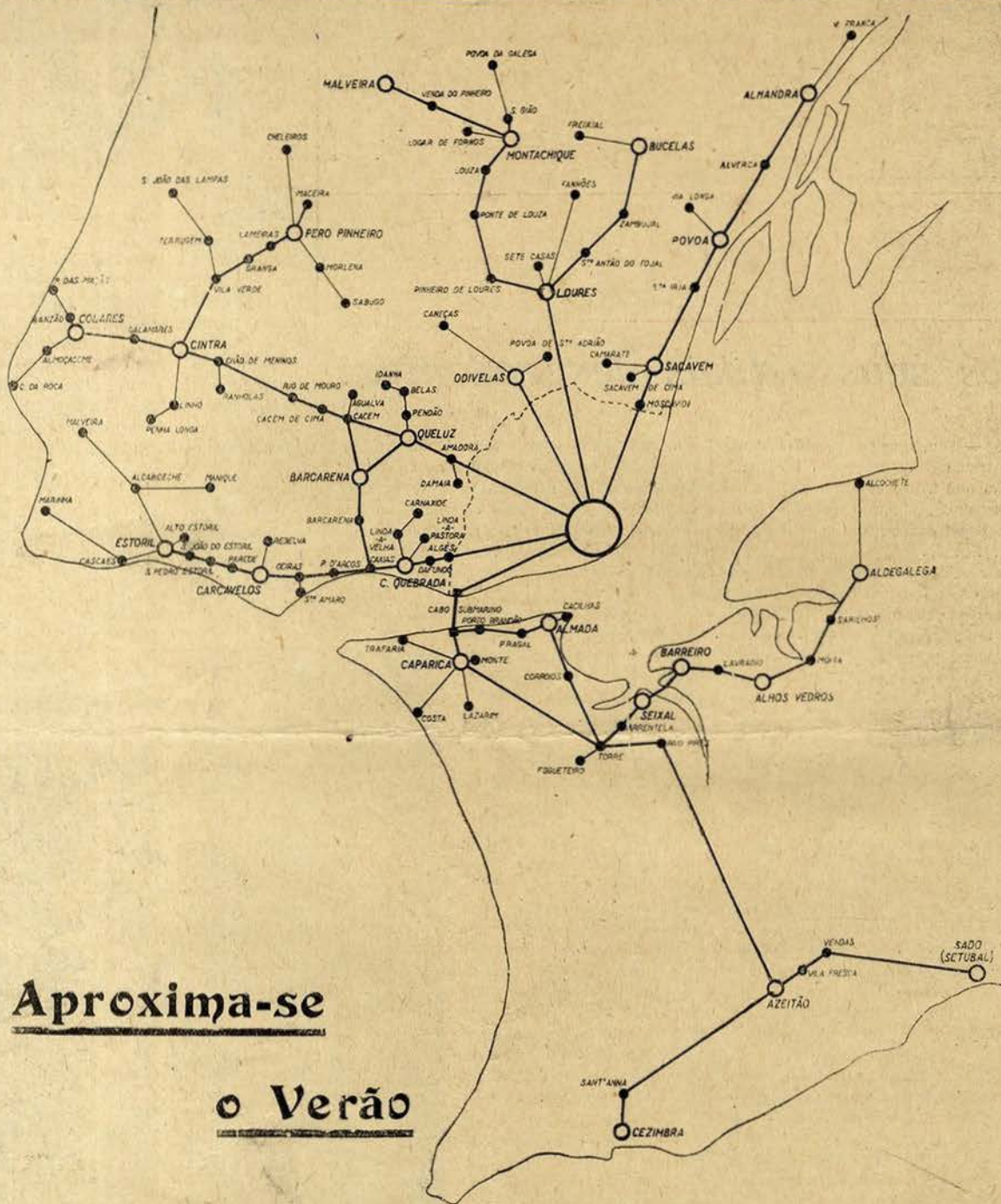


Na última época do sequestro — o carcereiro nem abria a porta do carcere. A's horas da comida passava-a pelas grades

A obsessão constante dos juizes revolucionarios: aquela criança era ou não o príncipe?

Um colega da provincia — por sinal regido com vulgar brilho — *O Herald do Sul*, — publicou ha pouco (em 25 de abril) um artigo que merecia, não melhor *ecran* — mas uma mais ampla exhibição. Se tivesse saído em diario rotativo estaria hoje no tablado das polemicas internacionais. Assina-o o dr. L. Novaes Pinho, Julgo tratar-se do illustre advogado do mesmo nome, actualmente residente no Porto, onde comcaou uma gentilissima senhora da familia Correia de Sá, de Braga — colaborando, de tempos a tempos, no jornal da sua terra d'alem Tejo...

Intitula-se o artigo «O Ultimo enigma de uma dinastia Inigmatica» e teclando, reinado por reinado, a derradeira dinastia da França, irradiada, como tantos outros, pelo labirintico misterio que envolve o desaparecimento do Delfim, filho de Luís XVI e de Maria Antonieta, herdeiro do trono que a revolução esfacelou ao mesmo sópro gigantesco com que apagou a labareda do passado. Mas uma diferença distingue este precioso estudo dos muitos que se fizeram até hoje, procurando holofotear o misterio do Delfim. E' que o dr. L. Novaes Pinho percorre um caminho inedito, seguindo uma pista não só verosimil — mas sobretudo segura e logica; e a nós, portugue-



Aproxima-se

o Verão

.....mas ir para fóra de Lisboa e ficar incomunicavel, é como se voltasse ao seculo XVIII...
 Por isso deve levar consigo o seu Telefone. A rede dos arredores de Lisboa vai até aos pontos mais escondidos e pitorescos onde as vossas ferias serão tranquilas e ao abrigo das imprevidencias porque para todos os casos

lá está o telefone

Informe-se na

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º LTD.

Rua Nova da Trindade, 43

LISBOA

Rossio, 67

O MUNDO A ESTOIRAR...

As trágicas surpresas do Japão

A verdade sensacional e inédita sobre os últimos acontecimentos nipônicos



O chefe do governo
Yunkai

A ASIA atravessa neste momento uma fase terrível de guerras, revoluções, perturbações políticas de toda a ordem. A Rússia, a China devota-se a por lutas fratricidas que estalam por toda a parte e a todo o momento não deixando um segundo de descanso ao governo central.

A Índia que se agita em primeira rebelião (em 14 de Maio em Bombaim 72 mortos e 80 feridos), o Japão, esse vastíssimo império do Sol Nascente, essa terra constantemente abalada pelos scismos, tremendo convulsivamente; a todo o instante, expelindo lava pela cratera do Fu-hiyama; tremendo também

vulsa pelas lutas fratricidas dos seus habitantes levadas ao paroxismo; ao extremo dos cadêtes assassinados um homem que era chefe do seu Governo, porque a política deste homem desagradava a A, B ou C.

Este povo que até há pouco parecia viver cristalizado, arrastado às formas dum Governo fudal recebeu de chofre uma civilização que o deslumbrou arrancando-o ao estagnamento em que vivera.

Povo agarrado às velhas formulas de religião, de costumes seculares ao receber este influxo civilizador vindo das bandas do Ocidente ao contrário do que quasi sempre succede (o leitor já deve ter reparado que todas as civilizações, movimentos insurreccionaes, religiões; como o Sol, veem do Oriente para o Ocidente).

No entanto esta civilização nipônica apurou-se, tornou-se espécime, que nós não compreendemos bem, porque ainda a usava agarrada a si, sofreu o afluente influencia da velha civilização nipônica, do Kimo e do Confúcio. De súbito esta civilização, esta roda que girava normamente desandou e o povo e os politicos perderam a serenidade lançando-se em lutas que deram origem ao atentado em que perdeu a vida Tsuyeshi Yunkai.

Demais é já conhecida do publico a noticia da morte do presidente do conselho de ministros japonês através os mil e um telegramas das agencias disparados a todo o mundo, dando conta do que foi essa tragédia, página sinistra na história politica nipônica—

para que ir recitá-los aqui, massar os leitores com esta narrativa.

Mas continua a agitação, o sangue desse mártir não bastou para socegar esse linguajar, da massa anónima que na sua falacia pede e exige que lhe deem o que não tem, levado talvez a isso pelo motivo do contacto intimo com os propagandistas dos diversos creídos políticos.

Lançado o Japão na aventura da China da qual não levou a melhor, porque esse povo lhe soube impôr um patriotismo admirável; procura agora o Governo uma outra directriz aos seus desejos de imperialismo para ver se consegue desviar a atenção do povo para outra guerra. Uma guerra com a Russia.

Ainda há poucos dias o general Araki, sub chefe do estado-maior, impoz ao ministro da guerra que o exército queria ter um gabinete nacional.

Quere isto dizer que pretendem um gabinete de puros encarregados de realisar o desejo imperialista japonês, apesar de opposição tenaz dos politicos, dos pacifistas.

— Quanto maior, quanto mais terrível não é este vulcão imperialista comparado ao Fu-hiyama que se amesquinha, tornando-se num vulcão intimo, quasi sem importancia. Enquanto este poderá num dos seus momentos de cólera fazer umas centenas de victimas o outro fará milhões.

No entanto a situação financeira não é das mais desafogadas como vamos ver:

— *Moeda:* *yew* renunciou a paridade (12 fr. 60).

Dividas: O Japão deve reembolsar este ano ao estrangeiro dois bilhões e meio de francos e não tem para isso nem uma milio-nessima parte.

Orçamento: Num orçamento irrimediavel 6 12 bilhões se gastam na marinha e no exército.

Agricultura: Os bancos rurais perderam este ano 20 milhões de *yens*. O Banco do Estado vai reembolsa-los, mas como? Augmentando a circulação fiduciaria.

E a desorganização financeira, politica, continua por aqui fo a.

Será esta desorganização o reflexo da crise mundial?

— Mas deixemos agora em paz a organização ou desorganização, porque não foi ella que nos levou a escrever, mas sim o reflexo dessa mesma crise o assassinato de Yunkai.

Vamos agora entrar na *botte à surprise* deste artigo — revelada pela imprensa inglesa (pela voz do conserador *Time*.) e depois

pela americana (atravez do correspondente do *Chicago Tribune* em Tokio, Mr. Edwick Long) e por ultimo a admiravel revista parisiense «Vu» de 25 do corrente, num sensacional artigo de Machaut — que conhece como os seus deos os bastidores da politica niponica.

Eis, em síntese, o que se revelou: «Enquanto a policia buscava os autores do atentado entre os «bicefalos» seita de moderna organisação estes acusavam a seita contraria dos «cads», chefiada por um príncipe de sangue imperial — e apresentando tais provas — que os acusados não negaram os seus crimes. Estes estavam maquiavelmente preparados — e tanto assim — demonstram no os detectives amarelos — que fizeram esalar, simultaneamente varias bombas em todos os extremos da capital, para despistar a policia.

Entretanto... entretanto o aldeão japonês que vive arredado de todos estes casos, que no fundo lhe não interessam, vive mal, passa fome, para que os seus governantes gastem 102.000 *yens* para evitar o desenvolvimento de ideias subversivas, 236.000 para a expansão de ideias ortodoxas entre a juvenude e três bilhões e meio para as despesas da aventura da China.

Paulo Ferreira



A prisão do assassino To noo Sagoya alguns momentos após o atentado

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMOVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela, 11-2.º

NO SEGREDO DAS SINAGOGAS

O que se passa entre os hebreus de Lisboa e os "marranos" do Norte?

O renascimento do judaísmo em Portugal

Constando-nos que 'algo' se passava na intimidade das sinagogas portuguesas, encarregamos um dos elementos melhor informados da colónia hebraica de revelar-nos esse segredo. Eis o que esse israelita distinto nos disse:

"SE o sofrimento há fileiras, Israel tem a precedência sobre as nações". "Se a duração dos sofrimentos e a paciência com que são suportados enobrecem, os judeus podem desafiar a aristocracia de todos os países".

Eis dois pensamentos de Leopold Zunz que bem traduzem as perseguições que tem sofrido este povo, que mais parece ser o eleito para mostrar ao mundo quanto pode a resignação humana, para não dizer teimosia, do que predestinado à formação duma grande nação. De facto, às vezes que outras raças, os adoradores de novos deuses, tem tentado o seu extermínio, era para não existir nada mais do que o cruzeiro da tradição que lembrasse às outras religiões quem as tinha dado à luz...

Mas não. Até aqui, em Portugal, do meio das cinzas em que as fogueiras do Santo Ofício transformaram tantos milhares de creaturas, tentam ao fim de quatro séculos ressurgir, de entre esses escombros, os da raça que mais vítimas forneceu às iras dos frades de S. Domingos.

E' que não ha fogueiras, que se possam opor a uma crença. Dizia ha pouco um jornalista francês que entrevistava o famoso Hitler sobre as perseguições aos judeus, que constam do seu programa. «Não será esse um mau acto político? Não sabe que pisando aqui um pé a um judeu, ele doi-se e queixa-se na Polónia e em todo o mundo?»

Mas deixemos estas considerações e vamos referir-nos à actividade que os descendentes de Israel estão desenvolvendo para instituir de novo, entre nós, o culto por Adonai nome que eles dão à sua divindade concretizada em Jeová — pois não deixa de ser curioso, quanto mais que se trata dum assunto que, por certo, interessará a muitos.

Hoje que existe a liberdade de consciencia, não deixaram escapar a oportunidade de libertar as almas que viviam cativas de crenças falsas. Na *Obra do Resgate* — como os seus apóstolos chamam ao movimento judaico em Portugal — estão empregando o melhor dos seus esforços e actividade.

Tendo inicio o movimento no Porto estende-se estendendo por todo o país, principalmente para Traz-os-Montes e Beira, onde se encontram os mais puros descendentes da raça semítica.

Embora aqui na Capital exista uma sinagoga frequentada pela bastante numerosa colónia judaica, esta vive quasi alheada da-

queles seus irmãos de crença, alheamento talvez devido a não considerarem os *marranos* — nome dado aos cristãos-novos — como puros judeus, em virtude das misturas de sangue católico que já lhes circula nas veias e ao facto de serem baizados, se bem que a isso fossem compelidos.

São estes *marranos* ou cristãos-novos, os judeus verdadeiramente nacionais. Com o seu quartel general no Porto, onde estão construindo uma magnifica sinagoga na rua Guerra Junqueiro, que nos dá a impressão de para ali se ter deslocado um pedaço da Palestina, tem, por meio duma propaganda activa, que é auxiliada pela publicação duma revista mensal «*Ha-Lapi*» órgão da comunidade, estabelecido vários núcleos em Bragança, Vilari-

ão e Maceo de Cavalheiros, Vila Real, Chaves, Covilhã, Fundão, Pinhel e muitas outras estão em organização. O elemento activo da propaganda, o apóstolo sr. Barros Basto, não tem perdido o seu tempo descobrindo aqui e ali mais uma ovelha transviada do rebanho de Israel, que imediatamente chama... ao bom caminho.

Mas o caso é que a igreja católica, devido à gravidade do assunto está já tomando providencias contra elle.

Em Bragança, por exemplo, a primeira medida que tomaram logo que ali foi instalada a sinagoga, foi transferirem para lá o bispado que funcionava em Vinhais, ao mesmo tempo que organizavam associações católicas, como a Associação dos Estudantes Católicos, dos operários, etc. Na Covilhã organizou-se uma



O poeta Jaime Cortezão que diz sentir ainda em suas carnes os ferros em brasa da Inquisição (Retrato de Antonio Carneiro)

propaganda intensa contra os judeus, e por algum tempo lhe serviu de tema para as suas peças. No Porto, imediatamente trataram de erigir uma igreja muito proximo da sinagoga, e não ha-de tardar muito tempo em que o Velho e Novo Testamento entrem em aberta lucta.

Não sabemos até que ponto se desenvolverá o culto por Adonai, mas o que sabemos é que os proprios judeus do estrangeiro estão olhando com muito carinho este movimento, auxiliando-o monetariamente com avultadas quantias e, a cada instante, o Porto é visitado por delegados das comunidades de fora que lá vão inteirar-se do andamento dos trabalhos.

Algumas obras tem sido já escritas sobre a *Obra do Resgate*. Ultimamente al apareceu

nas livrarias um volume de M.^c Lilly, Jean Javal, jornal intitulado «*sous le charme du Portugal*», que depois duma visita a todas as comunidades já organizadas, nelle descreve, duma maneira muito interessante e curiosa, todas as fazes do ressurgimento do judaísmo entre nós.

Em Londres constituiu-se um comité — Portuguese Maranus Comité, — que se destina a auxilia-lo, e que está sustentando um seminário israelita que funciona na sinagoga do Porto, e outros comités, no mesmo genero, se tem organizado na América, Holanda, França, etc., para o mesmo fim.

Eis, em breves traços, os trabalhos realisados por aqueles que, pacientemente, ainda esperam a vinda dum Messias que cumpra as



O órgão dos israelitas do Norte

profecias annunciadas pela boca dos profetas. Porém, a nota mais curiosa a frisar é, o que se passa em Bragança. Es'a cidade representa para Israel, o que Braga representa para Roma, são, por assim dizer, a Jerusalem e Roma portuguesas. Sem receio de exagerado erro, pode-se calcular que toda a sua população é de origem judaica.

A maior parte daquela gente conservava o uso, embora deturpado, das suas rezas, das suas orações ao Adonai, seu Deus, que praticava muito ás escondidas.

Varios manuscritos tem aparecido contendo orações usadas nas práticas do culto, mas, no geral, apenas gente humilde arrancou a máscara de falsos cristãos, e vai á sinagoga. A outra, a elite, essa continua frequentando as igrejas, e parece até que a sua crença em todos os santos e sentas da côrte celeste, redobrou. Chegou mesmo a organizar-se uma comissão de Senhoras que foi junto do Governador Civil pedir o encerramento da sinagoga. E' claro que a resposta daquela autoridade foi esclarecer a digna e beatifica comissão de que ha inteira e plena liberdade de crenças...

Foto-Radio JACINTO & GRAÇA, L.^{DA}

Artigos fotograficos, chapas, films, pelliculas, papeis, productos e accessorios — Maquinas fotograficas. Montagem e reparação de aparelhos de T. S. F. — Montagem de antenas. Pessoal habilitadissimo

Trav. Sá da Bandeira, 14 PORTO — Telefone 412

Este número do "Reporter X" tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

AGUIROS, JETTATORIOS E CRENDICES

O segredo das Superstições

QUANTAS crenças não escravizam a alma humana? Hoje porque se entornou tinta, amanhã porque tomou um galheteiro e o azeite se alastrou pela toalha, depois porque as creadas nos deixaram as facas em cruz ou um amigo íntimo que vêm acordar-nos, nos atirou o chapéu para cima do leito (morte certa) ou ainda porque passamos, distraídos, por baixo dum andaime (sete anos de vida atazada) ou falamos em Cicrano sem tocar em ferro — porque Cicrano é *jettatori* — raro é o indivíduo que não sofre os horrores das superstições, vivendo sob o pessimismo constante de qualquer mau agouro. A guerra trouxe-nos varias crendices novas que rapidamente se universalizaram e que hoje pertencem a todos os povos como, por exemplo, o de não acender trez cigarros com o mesmo fosforo. O actor francez Petit Dubac já contou num jornal a causa dessa superstição. Uma noite, nas trincheiras, um camarada seu ofereceu-lhe cigarros — a ele e ao engenheiro La Rose (dos autos «La Rose», então também *poilir* e La Rose, distraidamente, acendeu com o mesmo fosforo os tres cigarros. Era noite de alerta — e o inimigo disparou mal viu bruxolear a pequena chama do fosforo, ferindo mortalmente o companheiro que oferecera os cigarros e que fora o ultimo a acender o cigarro. La Rose, que é supersticioso como um arabe — ficou apreensivo e começou a espalhar que *dar fogo a trez cigarros com o mesmo fosforo* era morte certa para um dos trez. E como era vulgar — por ser natural — que a fixação da chama do fosforo no mesmo sitio, durante o tempo que leva a acender trez cigarros, oferecesse um pequeno alvo aos alemães e estes disparavam logo e tiveram muitas probabilidades em aceitarem — a crença espalhou-se rapidamente — confirmando o que La Rose inventava — convencido da realidade do fenomeno . . .

Um arabe ilustre Monly-Saki, publicou, em francez, no ano de 1921, um curioso livro sobre as superstições orientaes — reunindo perto de *cinco mil* — das quaes apenas *quinhentas* pertencem á sua raça. Mas os europeus não lhes ficam atrás — nem sequer aqueles que se consideram — e são — conhecidos, cultos, inteligentes, fortes — e até genios ou eruditos. Homens, como Thomaz Brulé, não estreava nunca uma peça sem que tivesse tocado na corcunda dum gêbo. Outros, como Louis Verneulle, andava com uma medalha depenurada ao peito — medalha essa que representa o numero 13. Para estes o 13 é *porte bonheur*; para muitos é, pelo contrario, fonte de todas as fatalidades!

A morte do presidente Doumer é apresentada como um simbolo do mau agouro do 13 como o numero 14 e acusado de perseguir os Bourbons, atravez dos seculos.

Doumer foi o 13.º Presidente da Republica Francêsa; morreu após 13 horas do atentado e foi eleito no dia 13 de Maio de 1931. Lendo, ao contrario, os dois ultimos algarismos do ano temos o 15. Somando 11 mezes e 20 dias de presidencia dá o 31. Pela ordem anterior ainda temos o 15, novamente.

Que de positivo poderá ter o argumento simplista de duas facas em cruz, ou 13 pessoas sentadas á mesma mesa, provocarem a fatalidade ou a morte?

Se um individuo de sexo masculino e de raça branca vê um preto é *azar*; se vê uma preta é *felicidade*. E com as mulheres dá-se

A Humanidade escrava de crianças ridiculas — O gato dos egipcios e o corvo de Conan Doyle — Os tres cigarros da Guerra e La Rose — As 5.000 superstições arabes — O 13 de Paul Doumer — As crenças das actrizes — Bernard Shaw, Lenine e Pathé — Os homens do mar



Saki, o celebre «coleccionador» de superstições orientais.

o inverso — garantem . . . Mas se acaso virem um casal de raça africana é um *gosto completo*. Se um escorrito vê um corcunda é uma surpresa desagradavel; se for uma corcunda, é agradável e muito natural será se, imediatamente avistar um cavallo branco.

Uma das causas da multiplicação dos superstiçiosos, mesmo entre pessoas fortes e inteligentes é que muitas vezes as *crendices* saem certas não pelas leis naturais — mas sim pela logica infalivel da natureza. Um exemplo: a de que os muribundos quererem sempre voltar a cabeça para os pés da cama. A explicação é naturalissima, trata-se dum fenomeno fisiológico que obriga o doente a preparar-se para cortar a linha curtiissima entre a vida e a morte.

A superstição e a antiguidade

Desde a formação do mundo que o medo do desconhecido domina os povos mais heróicos.

Os *Spartanos* formaram o povo menos timido da antiguidade. Mas, apesar do seu valor, da sua intrepidez, a sua superstição e o seu fanatismo atingiu o inverosimil.

As vezes as crendices mais enraizadas destronam-se por um pequeno nada. Um exemplo . . .

Aulus Gabinius, o mais vil e celerado romano, conseguiu que o Senado e o povo Egipcio o elegessem para defensor do Egipcio perante as infiltrações dos Arabes.

Gabinius obrigara Ptolomé a tomar o ceptro de Auléte e o povo obedeceu ao tirano, timidamente; e o tirano, apesar dos seus crimes e do odio do povo, reinava na maior paz graças ás superstições e ás crenças espalhadas pelo feroz Gaubinius. Uma delas era a atoração do gato, como enviado divino e intangivel. Mas, um dia, um soldado romano matou, publicamente, um gato. Foi a luz que entrou naqueles cerebros: os Egipcios que haviam sofrido as maiores revoltas intimas, as maiores injustiças, as mais duras, cruéis, atrozes perseguições, não quizeram sofrer mais: a morte dum gato foi o sinal da revolta . . .

Dizem os historiadores que a superstição foi uma das causas que ajudaram alguns povos civilizados á colonização. Fernandez Fortez encontrou os templos mexicanos inundados de sangue humano. Aquele culto maldito horrorizou-o: os selvagens mexicanos ofereciam calayeres ás divindades que, supersticiosamente adoravam; e foi a repulsa consequente deste espectáculo macabro que incendiou no glorioso espanhol os seus ardores de conquista, dominação e colonização . . .

A Magia

Vários historiadores tem escrito que a magia negra que imperou durante séculos foi a mãe de todas as superstições. O sábio Dion conta que, Marco Aurelio que andava sempre acompanhado pelo célebre Arnuphis, mágico egipcio, atribuiu aos feitiços deste a tempestade que destroucou a armada que vinha atacar . . .

Mézerau afirma que Catarina de Medicis, a mais cruel e viciosa das mulheres cultivava a magia; e prova-o dizendo que foi encontrada, sobre certos pergaminhos a pele duma creança, morta á nascença.

Luis XIV estabeleceu uma camara de Justiça para perseguir e punir essa massa sacilega de bruxos, e cultores de magia. A marquez de Brinville, a Voisin e a Vigoureux, tres mulheres historicamente celebres, foram executadas com uma multidão de velhos, novos e creanças, envolvidas nos seus crimes da magia negra. Assim acabou a magia, em França, mas começou a superstição bem pior, bem mais negra e fatalista.

A superstição nalguns homens celebres

Aristides Briand, o grande diplomata francês, o apóstolo do pacifismo, ha pouco falecido, só tinha um receio: não começar suas obras á segunda feira. É caso curioso, o seu primeiro pensamento para concretizar a paz mundial — nasceu naquele dia.

Bernard Shaw, o grande comediante inglés, o homem que fez revolucionar as ideias com as suas criticas violentas após a visita oficial á Russia dos Sovietes; o grande desportista, velho na idade e novo nos musculos e que, actualmente, se encontra na Africa do Sul, praticando desportos nauticos, arrelia-se com os jornalistas. Dia em que esses obrei-

ros do progresso, lhe falem — Já ele considera o dia perdido.

O falecido marechal Joffre, velho e glorioso soldado, vencedor do Marne, da grande guerra, indisponha-se quando via um funeral. Era a sua unica superstição. Conan Doyle, o popular romancista, autor do Sherlock Holmes, — tinha horror aos corvos. Uma vez levou 3 mezes para recommençar uma novela que o anarcismo brusco dum corvo interrompera a qual, ordinariamente, não demoraria mais de 8 dias... E, destino cruel, o seu corpo ficou sepultado ao lado do de sir Myers o maior amigo dos corvos que a Inglaterra conheceu. Lenin, o grande revolucionario, que, depois de morto, ainda se impõe a milhões de russos, só teve um medo: morrer quando estava em plena propaganda da revolução. Charles Pathé, o antigo carneiro de Vincennes e, hoje, o maior industrial de filmes, em França, embirra com os gatos pretos. Raras são as actrizes e «girls» dos nossos palcos, que não se benzem quando vão entrar em cena. Esse costume, aliás ingénuo, arrecejou-se mais desde que Maria da Luz, uma corista do Avenida, em 1922, esquecendo-se de fazer o sinal da cruz entrou em cena e sofreu um grave acidente sendo tirada de cena em braços...



Bernard Shaw

A pirataria moderna

(Continuação da pag. 6)

sinistrados, apurou, então, que a grande maioria dos casos e mesmo quando o esboço de incendio — sempre de origem inexplicavel — não podia, de forma alguma, produzir a perda dessa carga, eram as companhias obrigadas a paga-la, porque a carga desaparecia, ás vezes sob a indicação de «roubo misterioso» durante o panico e os «grados previam quasi sempre a hipótese de roubos. Mas... ha mais:

No ano de 1921 a policia francesa assaltou um club clandestino da Avenue de l'Opera, de propriedade de três gentlemen do chefe um inglês, conhecido pelo nome de Thomas. Graças, não sabemos a que truca, os três conseguiram escapar-se á justiça, não deixando nunca de serem vigiados pela policia. Mais tarde, figuraram (mas sem provas) no célebre caso das raposas argentées. Ultimamente, as policias de Paris e Londres, notaram que os três gentlemen faziam uma vida de milionarios, dirigindo, apenas, um modesto e inigmatico escritorio comercial, com sede na capital francesa e respectivas sucursais em Londres, Port-Said, Bombaim, etc...

Intrigou-se a policia francesa de certas compras de materiais de guerra e explosivos, efectuadas em Londres, em nome do governo dum insignificante país asiatico.

Aberto um inquerito diplomatico, apurou-se que o tal governo não encarregara entidade alguma de efectuar essa compra e que o citado material ia de facto para a Asia, mas, não para o indicado país, chegando ao porto de desembarque com a designação de artigo muito diferente. A T. S. F., grande auxiliar moderna da policia e a quem esta já devia parte destas revelações, ajudou á descoberta de mais o seguinte: Que um dos navios incendiados e roubados nas mesmas paragens do Georges Phillippar, trazia a bordo um especialissimo e pequeno cofre de inconfundiveis perolas, destinadas a Constantinopla. Ora, dava-se o caso de, meses depois, a sucursal de Londres da firma «Thomas & Cie», vender a um joalheiro de Oxford Street, um lote de perolas singularmente semelhantes ás destinadas a Constantinopla.

Mais ainda. Quando a policia se preparava para interrogar Mr. Thomas e seus socios, e apesar do sigilo com que manobrava, já estes haviam desaparecido, sem deixar vestígios. Só um jornal em França apresentou o caso sob este aspecto: O do naufragio do barco Georges Phillipper ser obra dumo organização de pirataria ultra-moderna e poderosissima, tendo os executores da sinistra façanha carregado demasiado no explosivo, produzindo o pavoroso incendio com que não contavam, nem lhes convinha. Nem os grandes diarios de Paris nem os de Londres quizeram ainda aceitar esta versão, que nos não repugna, por ser inélita no nosso país e completamente verosimil.

No mar

No mar a superstição é enorme. Os navios turcos costumam levar um boneco preto, dentro duma caixa, como se fosse uma divindade. Todos os dias de levantar ferro a tripulação senta-se, ao redor dela, e resa, compungida. Depois consultam as cartas de jogar. Se elas não ditam nada em abono do Deus matam-no esperando-lhe uns alfinetes no corpo. No dia seguinte vão-o buscar e rinden-lhe novamente culto, porque ressuscitou. E assim sucessivamente.

Na nossa marinha mercante existe um official cuja superstição religiosa chega a tomar fóros de obsecração. Uma hora antes de abandonar os portos, o seu comandante abandona a terra e fecha-se na ponte do comando, sózinho. Alguem, certa vez, o incomodou: «que faz comandante?» «Deixa-me, estou a rezar, durante uma hora, pela minha mulher e filhas». Mas o mais curioso é que este distinto official só reconhece a religião naquele momento... porque é ateu!

M. M.

ULTIMA HORA

Descobre-se que o «Estudante italiano» que atentou o ano passado, contra o principe Plamonte em Bruxellas — é portuguez e chama-se Mario de Castro

RECORDAM-SE os leitores do que se passou em Bruxellas, por ocasião da visita nupcial do Principe Herdeiro d'Italia — a sua então noiva, a filha do Rei Belga? A imprensa portuguesa como a de todo o mundo noticiou, com minúcia, um desagradabilissimo incidente: um rapazote de vinte anos, rompendo as fileiras dos que aplaudiam entusiasticamente os noivos, acerrou-se do principe e esboçou uma agressão — inicio talvez d'outro gesto mais grave.

Desde a primeira hora que se teceu um denso e labirintico misterio em redor deste moço alucinado. Negou-se elle a declinar a sua identidade — e entre as fichas policiais, tanto belgas como francesas e inglesas, não existia nenhuma que se lhe referisse. Após apertados e habéis interrogatorios, chefidos pelo já famoso detective Van Deslyen — declarou ser natural de Liege, estudante de engenharia e chamar-se Emanuel Henriquet. Abriu-se um inquerito provando-se que as declarações eram falsas. Novas demarches — e embora nunca se chegasse a rectificar estas ultimas declarações, a justiça acabou por aceitar as que se chamava Giovanni Rosi, que era natural de Pisa.

Pois bem: encontrando-se actualmente preso na Belgica um portuguez de apelido Calheiros — se não estamos em erro — individuo que teve certa celebridade entre nós no celebre caso dos «Dollars» com que o Dr. Afonso Costa foi violentamente atacado, — quiz o destino que se cruzassem num corredor da prisão e que caíssem nos braços

cos um do outro. Um official da policia que assistiu á scena alvoroçou-se — e com subtil habilidade investigou a razão daquelle abraço: «Sou velho amigo — declarou o tal Calheiros — se Calheiros é o seu nome — e que ignorava a causa da prisão do pseudo italiano. — Chama-se Mario de Castro, e é filho do Dr. Antonio Araujo de Castro, de Coimbra — exercendo actualmente o cargo de administrador de uma roça na nossa Africa Oriental. Este rapaz foi sempre um «estoira-vergas» e ao perder o ano, em Lisboa — e ao sofrer as reprimendas do representante paterno, tornou-se independente e cometeu tais loucuras que se viu na necessidade de emigrar. Julgava-o em Paris — e fiquei surpreendido ao vê-lo na Belgica — e preso». Foi um amigo do Reporter X residente na Belgica que nos deu este informe.



O agressor, levado pela policia, que o defende da colera popular, após o atentado (Graçura da «Demlere Heures» no dia seguinte ao crime).

Um esclarecimento

Procurou-nos a sr.^a Maria Martins proprietaria de um pequeno lugar de venda de frutas e refrescos em S. Pedro de Alcantara para nos declarar que ao contrario do que publicou um jornal da noite, o seu lugar de venda não lhe foi tirado pela Camara Municipal mas que foi ela propria que lhe deu baixa devido a certos chauffeurs que ali fazem praça proferirem toda a casta de obscenidades especulando-se um tal Carlos Pereira, de forma que agumentaram toda a freguesia.

ANUNCIAR

NO

Reporter X

O Misterio do Delfim

O Filho de Luís XVI, da França, veio refugiar-se em Portugal?

(Continuação da pagina 9)

Perrier, na Rua Palmyra, 52, se não estou em erro — rez-do-chão. Recordo-me apenas que nesse mesmo prédio habitava o dono do «Palais Dorcé» — da Rua Augusta...

A família de Henny Charles compunha-se de mãe, pai e duas tias, — maternas — dir-se-iam gêmeas. O pai era um homem forte, muito francês, de nariz aquilino, que parecia passar muitos metros por cima dos outros mortais. A sua vida era de comerciante — dizia — mas não cheguei a saber a que genero de negocio se dedicava. A saleta estava forrada de oleografias antigas e de medalhões de gesso. Um desses medalhões era de Luís XVI; e quando Perrier pai, de proposito ou por acaso, após o jantar, se sentou ao lado desse medalhão — impressionou-me com a flagrante semelhança dos perfis...

Em 1911 — Henry Charles abandonou o Colégio Francês — sem se despedir dos camaradas — nem de mim. Soube depois que havia abandonado a casa da Rua Palmira e saído de Lisboa. Só o tornei a ver, a ele e a Charlotte-Marie, no dia do enterro de Sidonio Paes — a uma janela do Hotel Francfort do Rossio. Estava eu fazendo a reportagem para *O Seculo* — e ao reconhece-lo e ao notar que os dois irmãos me reconheciam — fui, correndo, abraça-los. Acabavam de chegar de Italia, onde estavam vivendo... Á Italia regressavam dentro de poucos dias... Pouco mais tarde, depara-se-me na *Chicago Tribune* num retrato de Charlotte Marie com a seguinte legenda: «M.^{me} Perrier — companheira inseparavel da princesa Ana-Margarida de Bourbon cujo noivado com o irmão da princesa foi desmentido, causando grande escandalo em toda a Italia. M.^{me} Perrier que vive no Capri — foi a autora do desmentido — embora o principe Carlos tivesse espalhado a noticia. A causa do escandalo é a de que, pela primeira vez, uma familia burgueza se recusa altivamente a uma aliança com a mais pura nobreza, visto que o principe Carlos é sobrinho dos Condes de Paris».

Sorri-me, recortei o retrato e guardei-o...

Em 1928, estando em Guimarães, a *tournee* Palmira Bastos e Alexandre de Azevedo — parti do Porto para a velha cidade minhota com o objectivo de assistir aos primeiros ensaios da «Dama do Sud.» Uma tarde, com um rancho de gentis actrizes da companhia, emprehendi uma excursão até S. Miguel de Seide. A poucos kilometros da cidade, num local chamado Rufa ou Rifa — vi uma velha porta de ferro encimada pelas palavras: «Quinta Perrier.»

Mandei parar o auto e bisbilhotei pela visinhança a quem pertencia a quinta: «Hoje,

quem a *amanha* é o tio Duarte de Moura — mas os donos são francezes e vivem no estrangeiro, — explica-me um velho. — Segundo contavam os meus paes, que o tinham ouvido aos paes deles, ha muito tempo que ela pertence á tal familia Perrier (o velho pronunciava *Perrere*). Pelos vistos os Perrière eram apenas creados mas como os patrões morreram e lhes deixaram o filho confiado á sua guarda, casaram-no com uma filha que tinham *mamaram* a fortuna que era um bahu cheio dele!!!»

Portanto o apelido de Perrier — que a *Accion Française* revelou um dia, como dum dedicado servidor de Luís XVI — pertencia aos servos e não ao filho do amo. Que interesse podia haver em ocultar o verdadeiro apelido da creança que eles traziam consigo — e que, segundo parece, era filho dos patrões?

* * *

Vejamos agora o artigo do Dr. Novaes Pinho publicado no *Heraldo do Sul*. Eil-o em sintese: De todas as versões sobre o misterioso desaparecimento do Delfino — a que vai mais longe e oferece maior verosimilhança é a de Antoine — M. Kirch. Segundo este tenaz investigador do passado — existiam trez conjuras destinadas á salvação do herdeiro da França — mas só uma, sendo composta quasi exclusivamente de modestos realistas, trabalhou audaciosa e inconfiadamente... Um dos conjurados tinha uma filha e um filho; e este era da idade do Delfino. Atacado de bexigas, faleceu; e o pai sacrificaria o cadaver do filho, vestindo-lhe roupas de príncipe, para que julgando este morto — afrouxarem as perseguições. Sabe-se pelo menos e positivamente que em 12 de outubro, ou seja 12 dias após a noticia official do *desaparecimento* que o conde bretão de Candurak, fregollado, de vendedor de peixe, entrou no seu palacio parasiense, levantou um cofre que occultara nas caves, retirando dele uma quantia muito elevada que entregava pouco depois ao sacrificio pae... Este, acompanhado da esposa e da filha conseguiu um passaporte para sair da capital. Quem forneceu este passaporte? Um delegado revolucionario, Brumaud — cujas traições á causa (entre elas a de *passar um passaporte* a inimigos da Republica) o levam á guilhotina a 25 de novembro. Partem em perseguição dos fugitivos. Todas as indicações dão-nos a caminhar para a fronteira alemã. Fracassam os rafeiros — porque não consta que a familia em questão fôsse detida — nem o seu nome está nas listas dos fugitivos daquela fronteira. Em compensação, um fidalgo francês que escapa á sangria parisiense e que vive em Burgo — recolhe na sua nova residencia um casal ple-

beu, francês tambem, que vem acompanhado de duas creanças. Mãos ancimas apunhalam esse fidalgo, uma noite em que ia visitar uns amigos (conspiradores?) Em Espanha eram vulgares estes crimes. As garras da revolução estendem-se até Madrid e a Barcelona. Nesta ultima cidade é incendiada uma hospedaria onde se encontram algumas duzias de emigrados. O casal e as creanças desapareceram de Burgo — misteriosamente. O dono da hospedaria do Gato, no Porto, hospeda, dias depois, uma familia francesa — cujas caracteristicas correspondem aos fugitivos de Burgo. De quem vem essa informação? O dr. Novais Pinho, ao vasculhar a papelada de familia encontra uma longa carta de um trisavô, negociante em Lisboa e que tendo ido ao Porto pela ultima vez, tratar de negocios e estando instalado naquela hospedaria — descreve minuciosamente á familia o que vê e o que ouve — como reporter que fosse ao Japão em serviço do *Times*. É ele quem revela a existencia dessa familia que lhe chamou a atenção pelas precauções que toma, sobretudo com que cerca os filhos. «Parece que tem medo que esta terra esteja cheia de ciganos e que estes lhes roubem os pequenos», — comenta o autor da carta.

«O que sei de positivo — conclue o dr. Novais Pinho — é que nos arredores de Guimarães existe uma quinta — do «Perrier» — e que era este o apelido dum fiel servidor de Luís XVI que fez, varias tentativas para salvar o Delfim — desaparecendo de Paris pouco depois do Delfino desaparecer ou ser dado por morto. E segundo afirma a tradição, a quinta foi comprada no final do seculo XVIII por dois creados que acompanhavam o filho do patrão e que faziam esta compra em nome deste. Mas o patrão nunca mais apareceu.»

Agora — cada um que pense o que quizer.

Reporter X

UM ERRO INVOLUNTARIO

A proposito da «Protectora de Meninas»

NO nosso n.º 55 — de 8 de Agosto ultimo — publicamos um «radio» intitulado, «Protectora de Meninas» em que punhamos em foco o nome de uma senhora — D. Alda Pinto. Somos do maximo escrupulo no ataque — e só nós decidimos a fazerlo convencidos de que não cometemos uma injustiça — antes pelo contrario. Mas — não existe ninguem infalivel sobre a cupula celeste... As informações recebidas provinham de individualidades da maxima confiança moral. Mas tambem elas eram vitimas de um erro — ou antes de uma conjura maldosa e cruel. E como o Destino quiz que as oparencias confirmassem a calunia, revoltando os nossos informadores — nós pecamos... *por recochete*...

Todos nós nos podemos enganar. O que é preciso é ter a coragem de confessalo. Hoje confessamos que fomos burlados na nossa boa fé e que a senhora atacada era a vitima de uma intriga de odio — dum odio mesquinho e infame. Não ficavamos a bem com a nossa consciencia se não desfizessemos o que fizemos.

BREVEMENTE

A

«NOVELA

POLICIAL»

DO

«REPORTER X»

COMPLETAMENTE

REMODELADA